
Há 100 anos *Orpheu* canta para Cleonice

Luci Ruas

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Doi

<https://doi.org/10.37508/rcl.2023.n49a678>

Foi no último 31 de janeiro que a perdemos. A professora Cleonice Berardinelli, ou melhor, a nossa Dona Cléo, nos deixou, depois de 106 anos de uma vida plena, muitos anos dessa vida dedicados à literatura e ao magistério, deixando saudosos a família, os amigos e amigas que cultivou, ex-alunos e ex-alunas, orientandos e orientandas, hoje colegas seus, amigos e amigas, também.

Faz quase oito anos que Orfeu afinou a sua lira para celebrar os cem anos de *Orpheu* e inaugurar os dias que faltavam para os cem anos da D. Cléo. Hoje, a voz calou-se, mas a lira do poeta entoou o canto que tornará sempre viva a memória dessa voz que nenhum e nenhuma de nós quer esquecer.

Relembro, então, o IV Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena, da Faculdade de Letras da UFRJ, que recebeu esse título mais que sugestivo: “Há cem anos *Orpheu* canta para Cleonice”. E evoco nesse espaço o texto que, na condição de Regente da Cátedra Jorge de Sena, compus para a solenidade de abertura desse congresso, acontecida no Palácio São Clemente, sede do Consulado de Por-

tugal, no Rio de Janeiro, no dia 13 de outubro de 2015, que a seguir se reproduz.

Desde o ano passado [2014] a Cátedra Jorge de Sena e o Setor de Literatura Portuguesa alimentavam o muito justo desejo de festejar o Centenário de publicação da Revista Orpheu, que inaugurou concretamente o modernismo em Portugal, provocando grande celeuma não só em torno do conteúdo revolucionário do que nela se publicava, mas também em torno daqueles que nela deixaram as marcas do descontentamento com o que então se produzia numa sociedade conservadora como a portuguesa no início do século XX. Não assusta, portanto, que a revista tenha sido recebida com escândalo; afinal, era uma “revista de malucos”. Passados os momentos iniciais, porém, Pessoa escreveria ao poeta açoriano Côrtes-Rodrigues – que participaria no segundo número sob o nome de Violante de Cisneyros: “Foi um triunfo absoluto, especialmente com o reclame que A Capital nos fez com uma tarefa na 1.ª página. (...) *O escândalo maior tem sido causado pelo 16 do Sá-Carneiro e Ode Triunfal*”, afirma.

A ideia de criar uma revista literária modernista já era discutida por Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro há algum tempo. Pela troca de correspondência entre os dois escritores, adivinhavam-se já os futuros colaboradores de Orpheu. São os nomes esperados: o Almada, o próprio António Ferro, Violante de Cisneyros – é a geração dos amigos, quase todos com 19, 20, 21 anos. São as pessoas que estão com Pessoa nas tertúlias nos cafés de Lisboa, no Martinho da Arcada e mais dois ou três cafés da Baixa.

Como a revista tinha sido acusada de ser uma “companhia de doídos”, certa foi a reação de Fernando Pessoa que, para o número 2, convidou Ângelo de Lima, poeta internado fazia anos no Hospital Miguel Bombarda. “Foi de uma elegância e de uma paródia incrível

ir procurar um doido a sério... Se fossem acusados de ser doidos, ao menos teriam um doido a valer”

O objetivo deste grupo de artistas era, na expressão de Mário de Sá-Carneiro, “escandalizar o ‘lepidóptero burguês’”. Com efeito, como reagiriam os leitores da época à “Ode Triunfal”, com versos que rompiam com a tradição, em que são abordados temas como as máquinas e os motores?

Sem a verba necessária para a publicação do volume 3, a revista teve publicados apenas dois números. Mas, do legado de *Orpheu* – todos nós o sabemos –, persiste ainda agora, cem anos depois.

Era este o nosso propósito, prestar um tributo ao que representaram os doidos extraordinários, poetas de *Orpheu*. Todavia, não poderíamos esquecer que, a partir de 28 de agosto de 2015, tinha início uma contagem regressiva, a dos dias que nos aproximam de um outro centenário, o da Professora Cleonice Berardinelli, ou simplesmente, como nós gostamos de chamá-la, Dona Cléo. Foi quando surgiu o título feliz que provocou a organização deste IV Congresso: “Há cem anos *Orpheu* canta para Cleonice”, numa resposta de justa homenagem àquela que há tantos anos tem feito vibrarem as cordas da sua lira encantatória e, a propósito dos de Orpheu, evidentemente transgressora.

Mas, afinal, por que razão *Orpheu* cantaria para Cleonice, numa aparente particularização do seu propósito de universalidade? Fácil é encontrar a resposta. Basta recordar. E recordo a não menos feliz epígrafe de Gabriel Garcia Marques para o livro *Viver para contar*: “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.” Recordo, e ao recordar recrio o tempo, não o que viveu Dona Cleo, porque o não vivi, pelo menos em toda a sua extensão, mas o que a ouvi contar. Recordo o dia feliz em que a menina Cleonice encantaria Alberto de Oliveira, declaman-

do os poemas do nosso poeta. O destino, ali, armava a sua trama. Recordo a festejada aluna e assistente de Fidelino de Figueiredo; a jovem professora que representaria um auto de Gil Vicente – o Auto da Alma (ela representaria o Anjo Custódio) na então Universidade do Brasil. Mas recordo aquela que primeiro defendeu no Brasil uma tese sobre Fernando Pessoa, abrindo as portas, no nosso país e na nossa universidade, para os estudos acadêmicos sobre obra do grande poeta. A que se fez interlocutora de grandes vozes críticas da literatura portuguesa, em que se incluem Fidelino de Figueiredo, Jacinto do Prado Coelho, Óscar Lopes, Eduardo Lourenço, Eduardo Prado Coelho, Jorge de Sena, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, para citar apenas alguns. Recordo a assistente de Thiers Martins Moreira, que com ele praticamente criou e dignificou o que é hoje o respeitado Setor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ, por onde passaram e tem passado tantos seus orientandos e orientandas, ou orientandos e orientandas de seus orientandos, professores e professoras dessa literatura portuguesa, que desde a sua primogênita Margarida Alves Ferreira deixaram e pretendem, sem qualquer soberba, deixar as suas pegadas nas trilhas da literatura de Camões. Lembro, porque é preciso lembrar, Simone Pinto Monteiro de Oliveira, Jorge Fernandes da Silveira, Maria Elizabeth Graça de Vasconcellos, José Clécio Basílio Quesado, Maria Theresa Abelha Alves, Maria do Socorro Correia Lima de Almeida, Terezinha de Jesus da Costa Val, Maria de Lourdes Gonçalves Alves, Franca Alves Berquó, Leodegário A. de Azevedo Filho, Marina Tosta Paranhos, Mariúza Vieira Gomes, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Gilda da Conceição Santos, Lucia Maria Moutinho Ribeiro, Ângela Beatriz de Carvalho Faria, Maria de Lourdes Soares, Monica do Nascimento Figueiredo, Márcia Vieira Maia e os mais jovens Sofia de Sousa Silva, Mônica Genelhu Fagundes, Luciana dos Santos Salles e Rafael Santana Gomes, todos tão presentes entre nós. Reconto, porque é preciso não esquecer.

Recordo, porque é impossível não recordar, que pela voz “manselinha” da D. Cléo, tivemos aulas inesquecíveis sobre Camões, Gil Vicente, José Cardoso Pires, Fernando Pessoa, Almeida Garrett, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós. E recordo os seus escritos, hoje reeditados e tão ao nosso alcance.

E como não evocar a reconhecida professora, membro da Academia das Ciências de Lisboa, da reconhecida Equipa Pessoa, a Doutora Honoris Causa da Universidade de Coimbra, a imortal académica da Academia Brasileira de Letras, que ocupa a cadeira cujo patrono é Claudio Manuel da Costa?

E como não recordar um episódio mais recente, em que agora ela era e é a interlocutora de Maria Bethania, cantora e leitora sensível da poesia de Pessoa, em “O vento lá fora”, o momento inesquecível em que, sem tom professoral, mas “fermosa e bem segura”, ensina a ler a poética palavra saudade e diante da pergunta de Bethania – “E agora, está bem?” – responde, em voz de afeto: “Quase”.

Decerto, *Orpheu* tem razões de sobra para cantar para Cleonice, enquanto nós não nos cansamos de ouvi-la recontar suas histórias, não as de uma vida rotineira e sem emoções, mas a vida de quem se doou à arte e à cultura, ao exercício digno do magistério, uma vida que foi preciso muito viver para poder contar. Ou como diria Walter Benjamin, para recontar. Porque contar – diz-nos o filósofo da escola de Frankfurt – contar é recontar. Manter viva a memória.

Por isso *Orpheu* tem que cantar para Cleonice, esta que tanto tem servido à Literatura Portuguesa, esta que sem o escrever, reescreveu os célebres versos de Camões “Mais servira, se não fora/ Para tão longo amor tão curta a vida”. Não, a ideia é esta: “Mais posso servir, porque para tão longo amor, tão longa tem sido a vida”.

Bem haja, Dona Cleo. Bem-vindos sejam todos os que aqui estão para compor esse canto. Declaro abertas as atividades do IV Con-

gresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena, porque “Há cem anos *Orpheu* canta para Cleonice”.

*_*_*_*_*

... E Orfeu dedilhou muito bem a sua lira, entoando o canto que hoje, passados quase oito anos, ainda ecoa entre nós.

RECEBIDO: 13/05/2023 APROVADO: 16/05/2023

MINICURRÍCULO

LUCI RUAS é Professora Titular de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas e Coordenadora do Curso de Especialização em Literatura Infantil e Juvenil.